

“Ele escreveu enquanto o sol deslizava no mar e enquanto o ar se enchia de escuridão”: escrita, morte e sobrevivência em “Resposta à abadessa”

Carla Luciane Klos Schöninger¹

“Meditar sobre a morte é meditar sobre a liberdade”.
MONTAIGNE, 2010, p.15

“Lebens-Schrift (escrita da vida) da bio-grafia da vida própria e alheia, serve como transformação do conhecimento sobre a vida em conhecimento de sobrevivência”. (ETTE, 2015, p.186)

Resumo: Este estudo analisa o capítulo “Resposta à Abadessa”, do romance *Fama: um romance em nove histórias*, de Daniel Kehlmann. Miguel Auristos Blancos é um personagem/escritor reconhecido por suas obras, das quais a principal abordagem é sobre a espiritualidade. Todos os dias ele responde às cartas de seus leitores, que esperam receber dicas, sugestões e conselhos. Dedicou aquele dia para responder à abadessa, enquanto o sol brilhava sobre o mar e o ar se enchia lentamente de escuridão. Blancos se incomoda com a resposta, porque o faz refletir sobre os próprios textos e crenças. Seus pensamentos o levam a considerar o suicídio como uma solução para seus conflitos internos. Esta pesquisa bibliográfica considera outros escritores, que refletem sobre a morte ao longo de seus textos, como Michel de Montaigne, outros que devido à infelicidade, à angústia e à melancolia decidiram antecipar a morte, como Stefan Zweig e Virginia Woolf, podendo ter inspirado a construção desse escritor ficcional. Por outro lado, o filólogo Ottmar Ette destaca alguns escritores que utilizaram a escrita diante da morte, mas buscando a sobrevivência, como Werner Krauss e Hannah Arendt. Em ambas as situações: busca pela sobrevivência ou rendição à morte; o medo, a angústia e o sofrimento devastam e, em ambas as circunstâncias, o fim idealizado é a mais pura liberdade, e a literatura escrita é uma forma de assegurar a sobrevivência.

Palavras-chave: *Fama: um romance em nove histórias*. Escrita. Morte. Sobrevivência.

Zusammenfassung: Diese Studie analysiert das Kapitel „Antwort an die Äbtissin“ aus dem Roman *Ruhm: ein Roman in neun Geschichten*, von Daniel Kehlmann. Miguel Auristos Blancos ist ein Charakter/Schriftsteller, der für seine Werke bekannt ist, deren Hauptansatz die Spiritualität ist. Täglich beantwortet er Briefe seiner Leser, die Tipps, Anregungen und Ratschläge erwarten. Er widmete diesen Tag der Äbtissin, während die Sonne über dem Meer schien und die Luft langsam mit Dunkelheit füllte. Blancos ist mit die Antwort unangenehm, weil sie ihn dazu bringt, über seine eigenen Texte und Überzeugungen nachzudenken. Seine Gedanken führen ihn dazu, Selbstmord als Lösung für seine inneren Konflikte in Betracht zu ziehen. Diese bibliografische Recherche

¹Doutora em Letras: Estudos de Literatura (Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Universität Potsdam). Docente da área de Letras no Instituto Federal Farroupilha, campus Panambi. E-mail: carla.luciane@yahoo.com.br

berücksichtigt andere Schriftsteller, die in ihren Texten über den Tod nachdenken, wie Michel de Montaigne, andere das sich aufgrund von Unglück, Angst und Melancholie entschied, den Tod vorwegzunehmen, wie Stefan Zweig und Virginia Woolf, die inspiriert haben könnten die Charakterbildung dieses Kapitels. Andererseits hebt der Philologe Ottmar Ette einige Schriftsteller hervor, die im Angesicht des Todes schrieben, aber das Überleben suchten, wie Werner Krauss und Hannah Arendt. In beiden Situationen: Suche nach Überleben oder Hingabe an den Tod; Angst, Qual und Leiden verwüsten, und in beiden Fällen ist das idealisierte Ziel die reinste Freiheit, und geschriebene Literatur ist ein Weg, um das Überleben zu sichern.

Schlüsselwörter: Ruhm: ein Roman in neun Geschichten. Schreiben. Tod. Überleben.

Introdução

Miguel Auristos Blancos é um personagem/escritor de “Resposta à abadessa”, um dos capítulos da obra *Fama: um romance em nove histórias*, do escritor germano-austríaco Daniel Kehlmann. Blancos é conhecido mundialmente por abordar temáticas de espiritualidade em suas produções. Ele reside no Rio de Janeiro e recebe diariamente cartas de leitores a fim de obterem respostas, sugestões e conselhos. A fronteira temporal dessa narrativa é de algumas horas, tempo em que o escritor se dedica fervorosamente a escrever uma resposta para a senhora Ângela João, abadessa do convento das irmãs carmelitas da Divina Providência, em Belo Horizonte. A partir desse questionamento o escritor revela-se inseguro e confuso, pensa em uma fuga: a morte. Tal possível desfecho faz lembrar renomes da filosofia e da literatura que empenharam-se em escrever sobre a morte e ainda, outros que optaram pela morte voluntária como saída para os conflitos internos e nomes que lutaram pela sobrevivência em situações de perseguição e cárcere. Portanto, a escrita é vista como forma de sobrevivência nas diferentes situações, sejam elas reais ou ficcionais.

78

A aflição de Blancos

A pergunta que a abadessa faz a Blancos é instigante: “por que existia o sofrimento, por que a solidão, por que, sobretudo a distância de Deus e por que, apesar de tudo isso, o mundo estava constituído da melhor maneira?” (KEHLMANN, 2011, p. 98). O escritor brasileiro se sente incomodado e desconfortável com a pergunta e, ao pensar na “resposta à abadessa”, ele reflete sobre seus textos e crenças. Após ficar por horas escrevendo, quando pára, dá-se conta de que já tinha anoitecido.

Ele escreveu enquanto o sol deslizava no mar, lançava as últimas brasas na água e se extinguia; escreveu enquanto o ar se enchia de escuridão como que de uma fina substância; escreveu enquanto as luzes ao fundo brilhavam com nitidez cada vez maior e o negro do céu se fundia com as montanhas; e, quando

ergueu os olhos, com a camisa molhada e o bigode perolado de suor, já era noite (KEHLMANN, 2011, p.99).

A resposta foi extensa e quando imprimiu, percebeu que tinha digitado uma pilha de folhas. Surpreendeu-se com a própria resposta, dentre muitas palavras, essas: “A única coisa que nos ajuda são mentiras reconfortantes, como a dignidade corporificada em sua sagrada pessoa” (KEHLMANN, 2011, p.100). Como poderia dar esperança e reconforto a esta figura tão valorada pela religião? Ser abadessa significava ter um cargo religioso de primeira dignidade em uma comunidade, mesmo assim, Blancos não hesitou em tratar de suas descrenças e falta de esperança diante das condições que muitos humanos vivem no mundo, vidas em sofrimento e solidão. A resposta lhe é extensa, pois isso esboça exatamente a forma como tem se sentido.

Percebeu então que o que escrevera significava “a revogação de tudo, a aniquilação da obra de toda a sua vida” (KEHLMANN, 2011, p.100). O que parecia uma brincadeira fica sério, ele pega a pistola, olha para ela, como teria feito muitas outras vezes, mas decide largá-la. É evidente o gosto do escritor por armas, tendo em sua gaveta uma Glock, cano cento e quarenta milímetros, calibre nove por dezenove, tal informação é complementada, no capítulo, com seu hobby em realizar exercícios de pontaria. Publicou o livro *Mão tranquila cria sentido tranquilo*, no qual explica como atirar, e como as pessoas devem unificar-se ao alvo para atingir sua meta. Depois de algum tempo, toma-a de volta em suas mãos, pois percebe que já não tem mais escolha.

79

Se ele realmente puxasse o gatilho, entraria para a história. Todas as pessoas religiosas, todos os otimistas e beatos da Terra, todos os crentes e devotos que tinham seus livros nas estantes e seu exemplo no coração- como ele poderia resistir à tentação de lhes desferir esse golpe? Isso, e apenas isso, o faria grande (KEHLMANN, 2011, p.100).

Sempre demonstrou firmeza em suas convicções religiosas, mas naquele dia, como em uma epifania, pôs tudo a perder. Pensa não somente em si mesmo e na confusão mental que as palavras escritas lhe causaram, mas também em seus leitores, nos devotos, precisa se redimir de alguma forma. Talvez uma maneira de manter a grandiosidade de seu nome na história e de tomar a atenção para si com compadecimento, fosse através da morte voluntária. A morte seria uma excelente saída para que seu nome fosse lembrado e sua fama consagrada.

Juliane Tranacher, em análise dos diferentes romances e personagens de Kehlmann, assinala a relação do desfecho do mágico Beerholm e do escritor Blancos, acentuando a busca pela fama e imortalidade de seus nomes.

Essa passagem mostra que: Não é devido ao reconhecimento da nulidade de todo o ser que Auristos Blancos joga com a ideia do suicídio, mas sim porque espera aumentar ainda mais sua fama pelo ato do suicídio. Como Beerholm, Auristos Blancos é movido pelo desejo da imortalidade e, com ele, a esperança de fama póstuma 'imortal'; e como Beerholm, Auristos Blancos não suporta o pensamento de que o mundo continuará existindo após sua morte. Ele repele esse insulto narcisista, enquanto ele (também como Beerholm) imagina, que com sua própria extinção, o cosmos também seria destruído.² (TRANACHER, 2018, p.229).

A comparação de ambos os personagens de Kehlmann revela algo muito comum em suas obras; a abordagem da temática fama e junto dela, o anonimato, a efemeridade do sucesso e os fracassos. Estudos científicos e o processo de escrita são abordagens recorrentes, através dos quais, os personagens buscam elevar seus nomes.

Pode-se dizer que Kehlmann inspirou-se em um escritor brasileiro para a construção de seu personagem Miguel Auristos Blancos. Isso fica explícito quando, na narrativa, apresenta uma descrição física: “Os pelos grisalhos de seu peito estavam mais escassos do que antes, porém seu corpo, apesar de seus sessenta e seis anos, mantinha-se em boa forma” (KEHLMANN, 2011, p.94) cita o local em que mora: Paraty- “Quando estava em sua casa em Paraty ou em seu chalé Suíço do outro lado do oceano” (KEHLMANN, 2011, p.95) e a localização de seu escritório- “situado na parte da frente de seu apartamento de cobertura na orla resplandescente do Rio de Janeiro [...] as encostas dos morros com as favelas” (KEHLMANN, 2011, p.93).

O perfil de Paulo Coelho calha com o descrito na narrativa. O escritor de reconhecimento internacional nasceu no Rio de Janeiro e atualmente vive na Suíça, na cidade de Genebra. As imagens que a mídia traz de Paulo Coelho apresentam-no de cabelo e barba grisalha e no ano de publicação do romance *Ruhm*, ele estava com sessenta e dois anos, apenas quatro a menos do que a descrição do personagem do romance. Os textos literários citados neste capítulo também estão relacionados a obras anteriores já publicadas por Paulo Coelho; observa-se ainda temáticas e estilo de escrita idênticos, conforme mencionado em trecho que destaca os textos dispostos sobre a escrivanhinha de Blancos:

2 As traduções para o português foram realizadas por mim. Diese Passage zeigt: Nicht aufgrund der Erkenntnis der Nichtigkeit allen Seins spielt Auristos Blancos mit dem Gedanken an Suizid, sondern weil er sich durch den Akt der Selbsttötung eine weitere Steigerung seines Ruhms erhofft. Wie Beerholm treibt Auristos Blancos die Sehnsucht nach Unsterblichkeit um und damit einhergehend die Hoffnung auf, 'unsterblichen' Nachruhm; und wie Beerholm kann auch Auristos Blancos die Vorstellung nicht ertragen, dass die Welt nach seinem Tod weiterexistieren wird. Dieser narzisstischen Kränkung tritt er entgegen, indem er sich (ebenfalls wie Beerholm) ausmalt, dass mit der eigenen Auslöschung auch der Kosmos vernichtet wird.

duas canetas-tinteiro com penas de ouro, desessete lápis bem apontados, um teclado plano diante de uma tela plana, e, sobre o fichário, as folhas escrupulosamente empilhadas de seu novo manuscrito: *Pergunte ao cosmo, ele responderá*. Só faltava um capítulo, após o conjunto ter sido escrito ao longo das últimas quatro semanas com a mesma fluidez de tudo o que já escrevera antes; desta vez, era sobre como a fé e a confiança resultavam dos gestos e rituais que as expressavam. (KEHLMANN, 2011, p.93-94).

As obras de Paulo Coelho são de linguagem acessível e têm se popularizado a nível mundial, as temáticas envolvem esoterismo, a busca de um sentido para a vida, esperança e construção da existência, servindo muitas vezes como guia espiritual. Sua escrita não é muito aclamada pela academia, como o próprio Auristos Blancos é descrito: “Miguel Auristos Blancos, o escritor venerado pela metade do planeta e indulgentemente desprezado pela outra metade, autor de livros sobre serenidade, beleza interior e a busca pelo sentido da vida” (KEHLMANN, 2011, p. 93). No que se refere ao conteúdo de suas obras:

Miguel Auristos Blancos não inventava essas coisas, elas vinham por si mesmas e, aparentemente sem sua intervenção, encontravam seu caminho no manuscrito, enquanto ele ficava sentado observando, com uma curiosidade contida, como seus dedos teclavam e faziam surgir linha após linha no branco reluzente da tela e quando, ao final de um dia de trabalho, ele se levantava, como acabara de fazer, e piscava os olhos ao pôr do sol, não se sentia menos enlevado e instruído do que mais tarde se sentiria cada um de seus cerca de sete milhões de leitores (KEHLMANN, 2011, p.94).

O personagem criado por Kehlmann inspira-se através da espiritualidade, passa muitas horas em frente a tela até ver o pôr do sol. O excerto enfatiza o tempo que ele leva para escrever e o tempo que seus leitores passam diante de seus livros, que, de tão agradáveis fariam com que as horas passassem despercebidas, além disso, traziam e conforto espiritual.

O fato de ser conhecido mundialmente faz com que receba muitas correspondências diariamente, dentre elas convites para fazer palestras e discursos. O texto dá a entender que sabe escrever e aconselhar pessoas em diferentes situações, mas não consegue ajudar a si mesmo.

Além disso, vários episódios de *Fama* mostram que as recomendações de cura promissora do autor ficcional são inúteis e que ele fracassa em sua função de suposto salvador: apesar de outros personagens de ficção buscarem pelo sentido e consolo diretamente em seus livros, a leitura não cria uma saída para sua miséria³ (TRANACHER, 2018, p.227)

No transcorrer dos capítulos de *Fama*, vários são os momentos em que livros de Blancos são evidenciados, como em “Vozes”, quando Ebling vê um livro da esposa Elke: “O caminho do eu para si mesmo, de Miguel Auristos Blancos. (KEHLMANN, 2011, p. 18), em “Oriente”, quando Maria Rubinstein “ergueu a cabeça, ela viu, entre dois livros de Auristos Blancos, algo que conhecia, [...] seu romance de maior sucesso”. (KEHLMANN, 2011, p.89) e “Em perigo”, no momento em que “Rotmann lia um livro de bolso velho e gasto em francês: *L’art d’être soi-même*, de Miguel Auristos Blancos” (KEHLMANN, 2011, p.158). Outros personagens parecem ser ajudados por Blancos, mas o escritor não é capaz de lidar com seus próprios conflitos.

82

Escrita, morte e sobrevivência

A construção de um escritor ficcional em crise pode ter sido inspirada em outros escritores, que refletem sobre a morte em seus textos ou que, diante da infelicidade, angústia e melancolia decidem adiantar a própria morte. Michel de Montaigne, em *Ensaio*, XX destaca que: “Filosofar é aprender a morrer”. Montaigne apresenta pensamentos e considerações sobre a morte. Para ele: “Meditar previamente sobre a morte é meditar previamente sobre a liberdade” (MONTAIGNE, 2010, p.15), não importando o lugar em que estivermos, ou o estado, a morte pode chegar a qualquer momento, e “descobriremos que o fim está igualmente perto de nós quando estamos vigorosos ou febris, no mar e em nossas casas, na batalha e em repouso” (MONTAIGNE, 2010, p.17). Para alguns, a insustentabilidade e exaustão, ou a sensação de saciedade podem resultar no adiantamento da morte: “Se da vida tirastes proveito, estais saciado; ide-vos satisfeito” (MONTAIGNE, 2010, p.24). São vários os escritores que tiraram suas próprias vidas por diferentes razões. Dentre essas frases entende-se que a temática “morte” não pode ser considerada um tabu entre pensadores, pois é uma certeza que pode nos atingir nas mais diversas situações e aflige, preocupa, angustia; mas para alguns pode trazer alívio e descanso.

3 Zudem zeigt sich in mehreren Episoden in *Ruhm*, dass die heilversprechenden Ratschläge des fiktiven Autors nutzlos sind und er in seiner Funktion als vermeintlicher Heilsbringer scheitert: Zwar greifen andere Romanfiguren auf der Suche nach Sinn und Trost immer wieder zu seinen Büchern, einen Ausweg aus ihrer Misere eröffnet ihnen die Lektüre jedoch nicht.

Stefan Zweig, escritor, romancista, poeta, dramaturgo austríaco, em exílio na cidade de Petrópolis, no Rio de Janeiro e deprimido com a expansão do nazismo na Europa, no período da Segunda Guerra Mundial, deixa uma carta de despedida junto ao seu corpo e da esposa Lotte (1942): “[...] Assim, em boa hora e conduta ereta, achei melhor concluir uma vida na qual o labor intelectual foi a mais pura alegria e a liberdade pessoal o mais precioso bem sobre a terra” (ZWEIG apud DINES, 1981, p.285), “[...] saúdo todos os meus amigos. Que lhes seja dado ver a aurora desta longa noite. Eu, demasiadamente impaciente, vou-me antes” (ZWEIG apud DINES, 1981, p. 393).

Também Ernest Miller Hemingway suicidou-se em Ketchum, em Idaho (1961), Horacio Silvester Quiroga Forteza cometeu suicídio, ingerindo uma dose letal de cianeto (1937). A escritora e ensaísta Adeline Virginia Woolf afogou-se nas águas do Rio Ouse, próximo de sua casa, deixando ao marido as seguintes palavras em uma carta:

Não consigo mais lutar. Sei que estou estragando a sua vida, que sem mim você poderia trabalhar. E você vai, eu sei. Veja que nem sequer consigo escrever isso apropriadamente. Não consigo ler. O que quero dizer é que devo toda a felicidade da minha vida a você. [...] Se alguém pudesse me salvar teria sido você. Tudo se foi para mim, menos a certeza da sua bondade. Não posso continuar a estragar a sua vida. Não creio que duas pessoas poderiam ter sido mais felizes do que nós. V.⁴

Em situações distintas, tais escritores encontraram na morte, o descanso do corpo e da mente e deixam impressos na escrita seus últimos pensamentos e sentimentos. Miguel Auristo Blancos também escreveu seu texto e nesse momento de crise, percebe uma grandiosidade no ato de morte. Ao tirar sua própria vida, além de libertar-se da angústia que vive, elevaria seu nome para a lista de escritores consagrados.

No final da história, Auristos Blancos não se mostra mais como um “salvador” filantrópico que se preocupa com a edificação de seu semelhante, mas- ao contrário- um pseudogênio megalomaniaco, movido unicamente pelo desenvolvimento da própria fama. Se o autor brasileiro realmente se suicida e não apenas se entrega à ‘tentação de uma fama ainda maior’, mas também revela seu próprio narcisismo e expõe a encenação do autorretrato como humanitário heroico, permanece aberto⁵ (TRANACHER, 2018, p.229).

4 <http://notaterapia.com.br/2018/06/20/carta-de-despedida-de-virginia-woolf/>

5 Auristos Blancos zeigt sich am Ende der Geschichte nicht mehr als philanthropischer ‚Retter‘, dem es um die Erbauung seiner Mitmenschen geht, sondern- im Gegenteil- als Größenwahnsinniges Pseudo-Genie, das einzig von der Mehrung des eigenen Ruhms getrieben ist. Ob sich der brasilianische Autor tatsächlich selbst tötet und sich damit nicht nur der ‚Versuchung eines nochmals gesteigerten Nachruhms‘ ergibt, sondern auch

Apesar da morte de escritores, sejam eles ficcionais ou reais, a escrita é o meio de sobrevivência de seus pensamentos e vivências. Ottmar Ette, em *SaberSobreViver* (2015), cita o exemplo da obra *PLN. Die Passion der halykonischen Seele* [PLN. As paixões da alma halykoniana] e a criação do *Postleitnummer* [Número Postal], sendo a base de troca de correspondências entre presos políticos. O número postal permitiu que histórias fossem preservadas. Werner Krauss, escritor preso durante a Segunda Guerra Mundial e condenado à morte, escreve poemas, que sobreviveram àquele tempo e chegaram até nós. A literatura de cárcere [*Gefängnisliteratur*] assinala essa “sobrevivência” através da escrita:

Os versos do poema estampam a angústia do romanista:

A morte eminente está estampada em meu coração
 A torrente de imagens já se esgotou e
 Retornou à força primordial do meu Deus
 A terrível indignação de todos os instintos [...]
 Assim permaneço deitado em silêncio. O tempo alterou seu curso.
 Em cada hora encontro um presente.
 (WERNER, 1995 apud ETTE, 2015, p.103)

No tempo em que permaneceu em confinamento à espera de um fim próximo, Krauss encontra a sabedoria de vida para sua escrita, pois um futuro lhe é incerto. Dentre as correspondências e textos produzidos em cárcere, muitas foram as vozes caladas e carreiras interrompidas; em mortes precoces, injustas, desumanas. Os papéis borrados pelas lágrimas, amassados pelo medo e manchados pelo horror deixam um “registro escrito da prática de sobrevivência” (ETTE, 2015, p.119).

Hannah Arendt, em seu tempo como refugiada e apátrida, ao escrever a biografia sobre Rahel Varnhagen, o faz de forma introspectiva, havendo uma elucidação à dimensão coletiva a partir do individual. Ette reforça o conhecimento sobre a vida e o sobreviver na escrita de si e do alheio.

O conhecimento sobre a vida é tirado mais uma vez de uma situação-limite; e a situação-limite mais extrema da vida, que – como Arendt sabia- no sentido Heideggeriano só podia ser uma ‘prévia para a morte’ ao longo da vida, é o fim físico, a morte. A questão ‘como se pode continuar vivendo’, como questão de vida ou morte, aponta para aquela ameaça mais extrema da existência em que o conhecimento de vida tem de se tornar conhecimento de sobrevivência, a fim de possibilitar uma continuação da vida para todos aqueles que na verdade já

den eigenen Narzissmus offenlegt und die Selbstinszenierung zum heroischen Menschenfreund als bloßes Schauspiel entlarvt, bleibt letztlich jedoch offen.

estavam 'no leito de morte'. Como em Werner Krauss, que na cela da morte, por meio do estudo de *Garcíans Lebenslehre* e seu romance PLN, escreveu para si um conhecimento científico-literário de sobrevivência, a escrita, em Rahel Varnhagen na forma de suas cartas e diários e em Hannah Arendt sob a forma de sua *Lebens-Schrift* (escrita da vida) da bio-grafia da vida própria e alheia, serve a uma transformação do conhecimento sobre a vida em conhecimento de sobrevivência. (ETTE, 2015, p.186)

O filólogo enfatiza o quanto as situações-limite de existência humana podem inspirar, e o quanto essa inspiração pode trazer um novo conhecimento sobre a vida. A vida passa a ser vista com outro olhar, outra perspectiva, sendo cada hora um presente, cada minuto uma revelação e cada segundo uma incógnita. O leito de morte, a ameaça extrema da existência transforma o conhecimento sobre a vida em um conhecimento de sobrevivência.

Considerações finais

O personagem ficcional, do qual o desfecho fica em aberto, traz reflexões sobre o processo de escrita e sobre o quanto o escritor é influído por suas palavras. Palavras que emergem subitamente seguindo o fluxo de pensamentos e sentimentos revelando verdades ocultas no subconsciente. Assim como para outros personagens seus, Kehlmann sugere um fim trágico, uma possível fuga, em que a ameaça extrema da existência, a situação-limite pudesse provocar a redenção e o renome.

Ernest Miller Hemingway, Horacio Silvester Quiroga Forteza, Adeline Virginia Woolf e Stefan Zweig em situações distintas, por perturbações e motivações particulares, não hesitaram em concluir o ato de suicidar-se. E, na situação-limite deixaram escritos aos entes queridos para que fossem lembrados e, talvez, compreendidos. Sob outra perspectiva, Anna Arendt e Werner Krauss, sofrendo com a perseguição e prisão, escrevem sobre a vida e transformam o conhecimento da vida em um conhecimento de sobrevivência.

A escrita literária ilustra as distintas relações entre vida e morte; vidas que são roubadas, rompidas, encarceradas, em que prevalece a luta pela sobrevivência e vidas que, aparentemente, sem sentido ou que carregavam a sensação de dever cumprido, são tiradas em livre arbítrio. Em ambos, na luta pela vida e na rendição à morte; o medo, a angústia e o sofrimento assolam, e em ambos, o fim idealizado é a mais pura liberdade. Da mesma forma o espírito extinto de Blancos seria o preço a ser pago pela fama e a tão sonhada liberdade. "Ele escreveu enquanto o sol deslizava no mar e enquanto o ar se enchia de escuridão" é um fragmento que evidencia o extraviar-se na

escuridão do tempo e o perder-se na escrita, escrita essa que, mesmo diante da ameaça extrema da existência, indubitavelmente sobreviverá.

Referências

CARTA DE DESPEDIDA DE VIRGÍNIA WOOLF. Disponível em: <<http://notaterapia.com.br/2018/06/20/carta-de-despedida-de-virginia-woolf/>>. Acesso em 02 Fev. 2020.

DINES, Alberto. *Morte no paraíso: a tragédia de Stefan Zweig*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

ETTE, Ottmar. *SaberSobreViver: A (o)missão da filologia*. Tradução: Rosani Umbach e Paulo Astor Soethe. Curitiba: Ed. UFPR, 2015.

KEHLMANN, Daniel. *Fama: um romance em nove histórias*. Tradução: Sonali Bertuol- São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

MONTAIGNE, Michel. Que filosofar é aprender a morrer. In: MONTAIGNE, Michael. *Os ensaios: uma seleção*. Organização M. A. Screech; Tradução: Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

TRANACHER, Juliane. *Geniekonzepte bei Daniel Kehlmann*. Würzburg: Verlag Königshausen und Neumann, 2018.